

CRÔNICA DOS GERAIS DA ORDEM DOS FRADES MENORES **(ARNALDO DE SARANO, 1470): FONTES DA OBRA, TRANSCRIÇÃO** **E CARACTERIZAÇÃO LINGUÍSTICA¹**

Jefferson Cauê Antiqueira Camargo²
Orientador: Sílvio de Almeida Toledo Neto³

RESUMO

O presente artigo propõe um estudo da *Crônica dos Gerais da Ordem dos Frades Menores*, manuscrito preservado no códice IL 94 da Biblioteca Nacional de Lisboa (BNP), em Portugal. O estudo a ser desenvolvido parte de duas perspectivas teóricas complementares: a primeira baseia-se na Filologia e tem como objeto de estudo o testemunho de uma tradição de original ausente. O objetivo é preparar uma transcrição semidiplomática dos primeiros 25 fólios do testemunho, além de cotejar esses fólios com a edição crítica de sua provável fonte latina. A segunda perspectiva é histórico-linguística. A partir da análise fonética e morfológica, procura-se quantificar formas variantes que melhor caracterizem o perfil do estado de língua denominado Português Médio, em curso no ano da datação do testemunho.

Palavras-chave: Filologia, Transcrição Semidiplomática, Linguística Histórica, Análise Morfológica, Português Médio.

INTRODUÇÃO

A pesquisa desenvolvida com o manuscrito intitulado *Crônica dos Gerais da Ordem dos Frades Menores*, códice IL 94 da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), tem o objetivo de explicitar, a partir de critérios filológicos e linguísticos, sua procedência, história de transmissão e caracterizar sucintamente a língua do manuscrito (doravante, ms.).

O ms. sob a cota IL 94, produzido no século XV (1470, segundo datação presente no colofão, no verso do último fólio) foi considerado, até o século XIX, como se tivesse sido escrito originalmente em português e fosse proveniente de crônicas mais antigas (NUNES, 1918, p. XI-XII). É somente no século XX, com o cotejo entre a cópia portuguesa e o texto latino dos *Analecta Franciscana*, que José Joaquim Nunes (ibid., p. XII) descobriu tratar-se

¹ O presente artigo é fruto de projeto de pesquisa do programa de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo (USP).

² Graduando do Curso de Letras, habilitação em Português e Linguística, da Universidade de São Paulo - USP, jefferson.caue@usp.br

³ Professor doutor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Universidade de São Paulo - USP, tolnets@gmail.com

da cópia de uma tradução parcial do referido texto latino, uma crônica medieval do século XIV atribuída a Arnaldo de Sarano.

Entre a cópia portuguesa e o texto latino há, portanto, um período aproximado de um século. Seria pouco razoável pensar que, dentro do contexto de transmissão dos textos na Idade Média, o testemunho sobrevivente tenha sido a tradução original do latim. Logo, a hipótese mais razoável seria a de que o presente ms. não seria o original da tradução portuguesa, mas uma cópia de uma tradução prévia e que, portanto, o testemunho ao qual temos acesso, o códice IL 94, é testemunho de uma tradição de original ausente.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em um estudo filológico do ms.: a partir dos conceitos apresentados em manuais de filologia, Cambraia (2005) e Spina (1977), e do fac-símile do códice disponível no site da BNP, foram desenvolvidas a transcrição dos 25 primeiros fólios do ms. e a descrição codicológica do IL-94. Apresentou-se também um quadro comparativo (v. Quadro 1) que compara, à luz das notas em Nunes (1918), o texto latino, colação feita a partir de 14 mss. dos *Analecta Franciscana*, à *Crônica*, visando a ilustrar as diferenças na redação entre o modelo e a cópia. Por enquanto, as complicações advindas da edição crítica do texto latino foram postas de lado pois não se sabe o modelo exato a partir do qual a tradução portuguesa foi redigida.

Já a segunda etapa consistiu em um estudo linguístico fonético-morfológico amparado em três estudos de linguística histórica do português: Nunes (1918), estudo específico sobre o códice, e Cardeira (2009) e Mattos e Silva (2019), estudos gerais sobre a periodização do português e sobre as especificidades dos períodos Antigo e Médio da língua. Foi feito um recorte de fenômenos linguísticos relevantes para o período linguístico que pareceu mais ajustado à datação da *Crônica*, 1470; este recorte objetiva caracterizar a língua do modelo e situar as ocorrências linguísticas dentre os períodos Antigo e Médio conforme os recortes dos autores supracitados.

A importância do estudo da *Crônica* baseia-se na relevância que tem esta obra para se compreender a composição dos mss. medievais portugueses quatrocentistas e a língua em que foram escritos. Por um lado, o texto em análise permite adquirir conhecimento acerca do estado da língua escrita na época, assim como sobre a evolução da língua portuguesa a partir do estudo de um dos períodos cruciais da diacronia da língua: o Português Médio, já que é neste “período (...) em que se registram que anunciam, já, o português que hoje

falamos” (CARDEIRA, 2009, p. 108). A documentação escrita é, de qualquer modo, a única fonte para o estudo das práticas de produção e transmissão do texto e para o conhecimento de fases pretéritas de uma língua (CASTRO, 2006, p. 173); daí a especial importância que esta obra adquire.

Por outro lado, a *Crônica* possui importância filológico-histórica: seu estudo permitirá, ao mesmo tempo, compreender os processos de redação e de transmissão do ms. e a constituição do gênero de textos de espiritualidade em Portugal, do qual é exemplo. O conteúdo do texto, isto é, a narração, é também fonte imprescindível para o conhecimento das Ordens religiosas na Idade Média e suas práticas. Podem-se encontrar, de acordo com Nunes (1918, p. XIII), além do detalhamento sobre o princípio e a difusão da Ordem Franciscana, referências a fatos e personagens da história profana.

As frentes de estudo possuem, cada uma, os seus objetivos específicos: resumidamente, o estudo filológico pretende, por meio da descrição codicológica, da transcrição do ms. e do estudo de sua fonte latina, contribuir com o estudo da tradição da obra e com a divulgação do texto entre um público especializado. O estudo linguístico almeja situar melhor a obra no período da história da língua a que provavelmente pertence: o Português Médio.

Como resultado do estudo filológico, a elaboração da transcrição semidiplomática, da descrição codicológica e do quadro comparativo entre os textos em latim e português permitiram discutir acerca da questão da autoria do texto e das sucessivas intervenções do copista na redação da *Crônica*, que, durante o seu processo de transmissão, sofreu adições, supressões, substituições, transposições e reelaborações de consideráveis trechos.

O resultado do levantamento linguístico, que inventariou as ocorrências do ditongo nasal final em substantivo singular, do particípio passado da 2ª conjugação e do morfema número-pessoal da 2ª pessoa do plural, foi disposto em forma de quadros (v. Quadros 2 a 4). A sistematização desses fenômenos permitiu compreender melhor a língua na qual o manuscrito, provavelmente ainda no século XIV, e as modernizações provocadas pelo procedimento de cópia. Discuti-se, por fim, a possibilidade de futuro inventário das sucessivas camadas linguísticas na redação do texto.

METODOLOGIA

A partir do fac-símile do códice disponível online no site da BNP, elaborou-se a transcrição semidiplomática dos primeiros 25 fólios do ms. obedecendo-se às regras de transcrição propostas por Cambraia (2005, p. 129-130). Elaboraram-se também a descrição e a ficha codicológicas baseadas em Cambraia (2005, p. 28) e Monte (2009, p. 111-119), às quais adicionou-se também um pequeno texto descritivo sobre as especificidades do ms. bem como discorreu-se acerca da questão da autoria do texto.

A comparação entre a fonte latina e a cópia portuguesa só foi possível graças ao estudo prévio de Nunes (1918, p. XII), no qual se afirma que o ms. é tradução parcial de uma crônica latina intitulada *Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum*. A partir desta informação, foi possível encontrar o fac-símile da obra impressa *Analecta Franciscana*, que, disponível online no site da Biblioteca Nacional Francesa, BNF Gallica, pela cota 4-H-122(3), é uma coleção de crônicas sobre os primeiros anos da ordem franciscana editada pelo franciscano Quinctianus Muller. Dentre outros texto, esta reunião de crônicas possui, no volume três datado de 1897, uma edição crítica do texto latino da *Chronica* a partir da colação de 14 mss.

Fez-se a comparação entre os textos latino e português com base nos fac-símiles da *Crônica* portuguesa e da *Chronica* latina disponíveis online e os resultados foram dispostos na forma de quadro comparativo. Como não se sabe qual foi o modelo exato no qual a tradução para o português se baseou e como o texto latino encontrado é uma edição crítica, há ressalvas nos resultados da comparação, a qual serve apenas para ilustrar as diferenças entre os textos. Os pontos de divergência entre o texto latino e o português foram analisados a partir das notas de rodapé à edição de Nunes (1918), que identifica cada divergência entre fonte e cópia e dá explicações linguísticas e filológicas para cada uma delas.

A análise fonético-morfológica, por outro lado, partiu de Carneira (2009), artigo no qual a autora apresenta algumas variantes linguísticas que funcionam como fenômenos-chave para delimitar as fronteiras do Português Médio. Dentre os fenômenos elencados, escolheram-se três mudanças que evidenciam o processo de elaboração linguística em curso naquele período: as terminações nasais dos substantivos conforme o étimo e a tendência à unificação em [ẽw̃], a terminação do particípio passado das 2ª e 3ª conjugações de *-udo* para *-ido* e o morfema número-pessoal da flexão de 2ª pessoa do plural, que sofre síncope do *-d-* intervocálico e ditongação.

Procedeu-se, pois, ao levantamento das ocorrências desses três fenômenos em disposição de quadro, e à posterior comparação entre a sincronia apresentada em Nunes (1918) e as periodizações e estudos sobre Português Médio e Arcaico em Cardeira (2005, 2009) e Mattos e Silva (2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do estudo do ms., obtiveram-se a transcrição semidiplomática dos primeiros 25 fôlios do manuscrito e a descrição codicológica do códice IL 94; devido à extensão da transcrição e da descrição, estas não foram incluídas neste artigo.

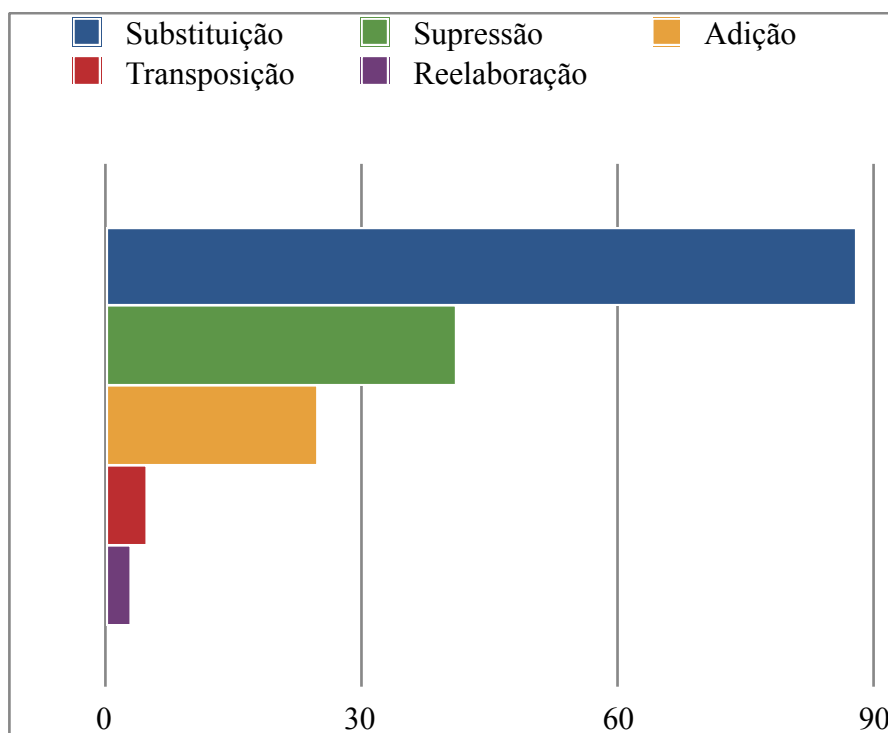
Quanto à comparação entre a fonte latina e a cópia portuguesa, propôs-se a classificação das divergências entre modelo e cópia em quatro classes de modificação de acordo com as categorias de Aristóteles (2009, p. 190): adição, supressão, substituição e transposição. Adicionalmente, casos de reformulação de trechos maiores, que seriam classificados em mais de uma das referidas categorias, foram classificados abrangentemente como reelaboração. Elaborou-se um quadro comparativo no qual constam o trecho original em latim da edição da *Analecta Franciscana*, o trecho modificado na cópia portuguesa, a localização no manuscrito em português e a classificação do trecho modificado conforme as categorias explicitadas. A título de ilustração, confira o seguinte quadro com as três primeiras modificações na tradução:

Quadro 1 - Classificação das três primeiras modificações na tradução da *Crônica*

Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum	Crônica dos Gerais da Ordem dos Frades Menores	Localização no ms.	Classificação
<i>Chronica ordinis fratum minorum</i>	carónicas dos mínistros geraaes da ordem dos fraíres menores	1ra l. 4-5	Adição
<i>honestum habitum et eremiticum</i>	auíto onesto	1ra l. 39	Supressão
<i>ecclesia sanctae Mariae de Portiuncula</i>	Jgreía de samta maría	1rb l. 52	Supressão

O resultado da classificação nas modificações do texto pode ser verificado no gráfico a seguir. O Gráfico 1 representa a distribuição quantitativa da classificação nas cinco categorias propostas das modificações do texto até o vigésimo quinto fôlio:

Gráfico 1 - Distribuição quantitativa das modificações na tradução



A comparação entre a fonte latina e a cópia portuguesa permitiu compreender um pouco mais acerca das questões de autoria e de tradução na Idade Média, pois a presença constante de modificações no texto demonstra que as intervenções no texto são não somente resultado do procedimento de cópia manuscrita e de lapso do copista, mas também da participação do tradutor e/ ou do copista na redação do texto, substituindo, suprimindo, adicionando, transpondo ou até reelaborando completamente trechos da *Crônica*.

Passa-se aos resultados do estudo linguístico. Primeiramente, inventariaram-se as realizações gráficas das terminações nasais em final de substantivo singular que, no Português Clássico, convergiram para o ditongo nasal final em [ẽw̃]; foram também propostas as realizações fonéticas previstas e o respectivo étimo latino para cada grafia. Para tanto, foram registradas, palavra a palavra, todas as ocorrências gráficas de terminação nasal que apontassem para realizações fonéticas distintas (como [ẽw̃] e [õ], por exemplo).

De cada substantivo, foram elencadas somente as grafias do mesmo item lexical que diferissem na representação dos ditongos nasais (i.e., a nasalidade da mesma palavra representada por recursos diferentes, como o til ou a coda nasal, representada por <n> ou <m> finais), razão pela qual nem todas as grafias da mesma palavra aparecem na primeira coluna do quadro a seguir, que contém somente três das ocorrências do levantamento:

Quadro 2 - Três ocorrências de ditongo nasal em posição final de substantivo singular: ocorrências gráficas, étimo latino e convergência em [ẽũ]

Ocorrência gráfica na <i>Crônica</i>	Localização da primeira ocorrência no ms.	Realização fonética prevista	Étimo latino	Grafia moderna
barom/ barõ/ baram	1rb l. 37	[ẽũ]/[õ]	-one	barão
deuaçom/ deuaçõm/ deuaçam/ deuaçõ	1rb l. 44	[ẽũ]/[õ]	-one	devoção
coraçom/ coraçam	6vb l. 832-833	[ẽũ]/ [õ]	-one	coração

Confirmando a afirmação de Nunes (1918, p. XXIII-XXIV) de que, na *Crônica*, "perdura ainda nos nomes o antigo ditongo nasal -õe, mas há já tendência para a perda (...) começa igualmente a notar-se já a passagem (...) de -om, para -am", os dados do Quadro 2 mostram que há bastante oscilação nas grafias das palavras *devoção*, *barão* e *coração*, cujas origens estão atreladas à terminação latina -one. De acordo com a descrição do Português Antigo em Cardeira (2009, p. 108) e Mattos e Silva (2019, p. 71-73), a grafia esperada para o étimo -one seria -õ. No entanto, a oscilação gráfica entre -am e -om revela que há confusão entre as origens etimológicas latinas do ditongo nasal final, pois as grafias encontradas em -am e -ão são esperadas somente para as terminações etimológicas em -ane e -anu, respectivamente.

Nota-se, portanto, que o copista oscila entre representar esses ditongos de acordo com a etimologia e representá-los de acordo com a "pronúncia de seu tempo", como afirma Nunes (1918, p. XXIII). Essa oscilação já aponta para a convergência das grafias em -am, o que sugere a unificação da pronúncia em [ẽũ]. Nesse sentido e em consonância com Cardeira

(2005, p. 276) e (2009, p. 108), como a unificação das grafias em *-ão* é um dos fenômenos-chave que estabelecem o período de transição característico do Português Médio e como a convergência das grafias só se dá no último quartel do séc. XV, a tradução da *Crônica*, arquetipo perdido da cópia a que se tem acesso, situar-se-ia ao menos no terceiro quartel do séc. XV.

O próximo levantamento linguístico realizado foi o morfema de particípio passado da 2ª conjugação, que passa de *-udo*, no Português Antigo, para *-ido* no Português Clássico. As ocorrências gráficas de todas as realizações do particípio passado na *Crônica* foram dispostas em forma de quadro, no qual incluiu-se também a grafia moderna das palavras e a localização no manuscrito. Confira a seguir um quadro com alguns exemplos de ocorrência do morfema em *-udo* e em *-ido*:

Quadro 3 - Exemplos de ocorrência do morfema de particípio passado na 2ª conjugação

Ocorrência gráfica na <i>Crônica</i>	Localização no ms.	Grafia moderna
aconteçido	1ra l. 16	acontecido
tragído	1ra l. 32	trazido
teudo	1rb l. 70	tido
deteudo	9va l. 1212	detido

De acordo com o levantamento completo, apenas 15,6% das ocorrências do particípio passado na 2ª conjugação conservaram a terminação em *-udo* própria do Português Antigo, enquanto as outras 84,4% das realizações já contêm a terminação moderna *-ido*. Além disso, todos os casos de preservação da terminação antiga estão relacionados ao verbo *ter* e seus derivados, como *deter* ou *manter*.

A partir desses dados, pode-se levantar a hipótese de que o copista possivelmente tenha modernizado, ao copiar um modelo hoje perdido da tradução em Português Antigo, as grafias das ocorrências do particípio passado, exceto para o verbo *ter* e os seus derivados, pois, como se vê nos exemplos, a vogal *e*, que antecede a terminação em *-udo*, apresenta um travamento para a modernização, já que **teido* não é atestado. Basicamente, travamento é um impedimento no qual algum elemento do sintagma impede a regularização do paradigma

flexional; neste caso, a vogal temática *e* pode ter impedido a regularização do paradigma do particípio passado em *-ido* nas 2ª e 3ª conjugações, paradigma esse que permanece desde o Português Clássico até a atualidade.

Em vista da predominância das terminações do particípio em *-ido* e da possível explicação para as exceções, que englobam apenas o verbo *ter* e seus derivados, pode-se recuar o original ou arquétipo da tradução portuguesa até o segundo quartel do século XV (CARDEIRA, 2005, p. 278), que é quando a terminação moderna passa a predominar.

Por fim, o último levantamento realizado foi o morfema número-pessoal da segunda pessoa do plural, já que, segundo Cardeira (2009, p. 108), ocorreu a síncope do *-d-* intervocálico nesse morfema, que passa de *-des* no Português Antigo para *-is* no Português Clássico, independente da conjugação do verbo e do morfema modo-temporal associado. Confirmam-se alguns exemplos do levantamento do referido morfema no seguinte quadro:

Quadro 4 - Exemplos de ocorrência do morfema número-pessoal da 2ª pessoa do plural

Ocorrências gráficas na <i>Crônica</i>	Localização no ms.	Grafia moderna
leuaredes	1va l. 119	levareis
Reçebades	6rb l. 772-773	recebais
dedes	6rb l. 774	deis
sairedes	7ra l. 866-867	saireis

De acordo com o levantamento até o vigésimo quinto fôlio, todas as 23 ocorrências de verbos flexionados na 2ª pessoa do plural, independente do morfema que as acompanha, mantêm o *-d-* intervocálico, característica atribuída por Cardeira (2009, p. 108) ao Português Antigo. A manutenção da consoante aponta, portanto, para uma tendência contrária aos outros dois aspectos linguísticos estudados, pois, ao contrário do morfema de 2ª pessoa, o ditongo nasal final e o particípio passado da 2ª conjugação já estão em variação entre as formas do Português Antigo e o Português Clássico.

Uma hipótese que justifique a manutenção da consoante está relacionada ao gênero espiritualidade, que, afiliado ao discurso religioso, é linguisticamente conservador, e ao procedimento de cópia: o copista pode ter decidido manter essa característica linguística em

razão da fidelidade ao modelo de cópia e ao discurso direto, que é onde geralmente a 2ª pessoa do plural aparece. Contudo, não há como desvincular as realizações do *-d-* intervocálico do Português Antigo, o que dificulta a situação do texto dentre os períodos linguísticos. Talvez fosse possível propor camadas linguísticas no texto, que alternem entre o Português Arcaico, variedade provável da redação do texto (cf. NUNES 1918, p. XIX), e o Português Médio, trazido para o texto escrito pelo copista já no século XV em forma de modernizações linguísticas, especialmente em relação aos ditongos nasais finais e ao participio passado. Essa hipótese extrapola, porém, os objetivos deste artigo.

Por fim, caso se considerem as ocorrências do morfema número-pessoal da 2ª pessoa do plural para datar o original da tradução, a datação pode recuar para o final do primeiro quartel do século XV, que é quando a síncope do *-d-* começa a predominar na escrita (CARDEIRA, 2005, p. 277) e talvez até mesmo para o começo do século.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto pelo presente artigo foi dividido em duas frentes disciplinares: a filologia e a linguística. Quanto à frente filológica, foram desenvolvidas a transcrição dos primeiros 25 fólios do ms., uma descrição codicológica e um quadro de comparação entre a fonte latina do ms. e o texto em português. Essas atividades permitiram entender um pouco as práticas de tradução do texto do latim para o português e de cópia e de transmissão do texto. A questão da autoria, no entanto, por conta de o manuscrito em português ser testemunho único, ainda precisa de comparação sistemática com o texto latino e outros de seus testemunhos para recuperar filologicamente a vontade autoral.

A frente linguística, por sua vez, objetivou fazer um recorte de três variantes linguísticas consideradas por Cardeira (2009) como fenômenos-chave para delimitar as fronteiras do Português Médio: as terminações nasais, o participio passado e o morfema número-pessoal da 2ª pessoa do plural. Para tanto, foram inventariadas as ocorrências desses fenômenos de acordo com os seguintes recortes: ditongos nasais em final de substantivo singular; todas as ocorrências de participio passado da segunda conjugação regular em *-er* e todas as ocorrências do morfema número-pessoal.

Os resultados do levantamento dos dados linguísticos foram dispostos em quadros e permitem situar o ms. na periodização linguística do português proposta por Cardeira (2005, 2009): se, por um lado, os ditongos nasais em final de substantivo convergem para a sincronia linguística do Português Médio, portanto entre o segundo e o terceiro quartéis do século XV, a manutenção do *-d-* intervocálico corrobora para situar a redação do modelo do ms. no começo do referido século e mais próximo do Português Antigo. Essa divergência suscitou a possibilidade de trabalho linguístico futuro com o texto, pois pode-se pensar em dividi-lo em camadas linguísticas que foram se sobrepondo desde o momento da redação do texto até a cópia e consequente modernização linguística no séc. XV.

A transmissão do texto é, também, outro tópico que precisa de mais tratamento. Em momento posterior, poder-se-ão elucidar melhor as etapas de tradução da *Crônica* para o português e a provável cópia posterior, assim como estudar as influências de outras línguas ibéricas na redação do texto, conforme relatam Cabo (2016, p. 275) e Nunes (1918, p. XV-XVI), e o possível parentesco do testemunho português com outros mss. em outras línguas.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Física**. Trad. Lucas Angioni. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

CABO, José António Souto. **A Crônica dos ministros gerais da Ordem dos Fraires Menores (BN 94 IL) e o seu antígrafo galego**. Vigo: Universidade de Vigo, 2016.

CAMBRAIA, César Nardelli. **Introdução à Crítica Textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARDEIRA, Esperança. **Entre o Português Antigo e o Português Clássico**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2005.

_____. Revisitando a periodização do português: o português médio. **Domínios de Linguagem**, ano 3, v. 2, p.103-115, 2009.

CASTRO, Ivo. **Introdução à História do Português**. 2 ed. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

Crônica dos Gerais da Ordem dos Frades Menores. 1470. Disponível em: <<http://purl.pt/31646>>. Acesso em 13/07/2020.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **O Português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

MONTE, Vanessa Martins do. Exemplo de descrição codicológica: documentos setecentistas. **Filologia e Língua Portuguesa**, v.10-11, p.103-120, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59818>>. Acesso em: 13/07/2020.

NUNES, José Joaquim. **Crónica da Ordem dos Frades Menores**: manuscrito do século XV, agora publicado inteiramente pela primeira vez e acompanhado de introdução, anotações, glossário e índice onomástico. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1918. Vols. I e II.

SARANO, Arnaldo de. Chronica XXIV Generalium Ordinis Minorum. **Analecta Franciscana**. Quaracchi: Typographia Collegii S. Bonaventurae, 1897. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k114485d/f2.image.texteImage>>. Acesso em: 13/07/2020.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

